

## A subversão do mito religioso no conto “*J’s marriage*”, do autor contemporâneo norte- americano Robert Coover

Subverting the religious myth in the short story "*J's marriage*"  
by the American contemporary writer Robert Coover

*Fernanda Aquino Sylvestre*  
*Universidade Federal de Campina Grande*

---

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo mostrar como o autor contemporâneo Robert Coover subverte o mito bíblico de José e Maria no conto “*J’s marriage*”. O escritor norte-americano chama atenção para o fato de que se um mito não for eficaz, torna-se apenas ficção, como no conto citado, em que José e Maria se destacam por suas formas humanizadas. Coover, dessa maneira, leva seus leitores a questionarem a fé nos mitos e perceberem que sem polemizá-los, a ordem social, política e religiosa (dependendo do mito) permanecerá a mesma. O objetivo principal do autor é compor um novo texto, com novas possibilidades de leitura, que subverte os elementos tradicionais da narrativa e exige do leitor um trabalho de reconstrução e problematização da ordem vigente por meio do mito bíblico.

**Palavras-chave:** Literatura contemporânea. Literatura norte-americana. Robert Coover. Mitos Bíblicos.

---

**Abstract:** This article aims to show how contemporary author Robert Coover subverts Joseph and Mary’s biblical myth in “*J’s marriage*” short story. The American writer calls attention to the fact that if a myth is not effective, it is only fiction, as quoted in the story, where Mary and Joseph stand out for their humanized forms. Coover, thus, leads his readers to question their faith in myths and realize that without polemicizing them, the social, political and religious orders (depending on the myth) will be always the same. The author main aim is to make up a new text, with new possibilities of reading, that subvert the traditional elements that compose the narrative and require from the readers a work of reconstruction and questioning of the existing order through the biblical myth.

**Keywords:** Contemporary Literature. American Literature. Robert Coover. Biblical Myths.

---

Coover conta em "J's marriage" a história de J, entendido como José, personagem bíblico, e sua relação com Maria. Logo no início do conto pode-se observar o quanto José era obcecado pela esposa, humilhando-se diante dela para que se casasse com ele. J sabia que sua idade avançada, sua pouca educação e falta de cultura em relação a Maria era uma desvantagem em seu casamento, porém, mesmo sabendo de todas as dificuldades a enfrentar, ainda quis estar ao lado dela, em uma espécie de anulação de si mesmo.

Maria fica chocada com a proposta de casamento feita por José e tenta ganhar tempo. Ele, porém, só entende o medo dela muito tempo depois, quando percebe fazer parte de uma trama preparada por Deus, na qual ele é o bode expiatório, o pai do filho de Maria com Deus:

O próprio J não era mais substancial do que suas palavras, palavras que, às vezes, atravessavam o coração, verdadeiras, incendiavam o sangue, palavras fortes, até mesmo dolorosas, mas o poder e a dor delas não, não podiam segurar alguém impotente à Terra, não podiam trazer sangue verdadeiro<sup>1</sup>. (COOVER, 2000, p. 113).

Antes de saber os motivos do receio de Maria, que, na verdade, concretizavam-se em um único medo — o do sexo — José sentiu raiva e irritou-se com a amada que, por sua vez, também ficou encolerizada e até mesmo ofendida com a pressão de José sobre ela.

No conto, problematiza-se a razão de Maria ter tanto medo de consumar o casamento em razão do ato sexual. Em discurso indireto livre questiona-se se este medo não seria proveniente de uma má orientação sexual herdada dos avós:

O que era isto? Uma existência de má orientação dos avós deformados, infelizes contos antigos de sangue e torturas do submundo (em que a posição das mulheres no evento deve dar uma ideia do que são) ou alguma desventura no início, talvez um pai dominador?<sup>2</sup> (COOVER, 2000, p. 113).

Coover sugere, mesmo que sutilmente, a posição submissa das mulheres que sofriam atiradas a relacionamentos que, muitas vezes, não as faziam felizes, funcionando apenas como convenções. Sugere, também, a presença de um pai dominador na vida de Maria, alguém que gostaria de mantê-la virgem e pura para

---

<sup>1</sup> J himself was really nothing more physically substantial than his words, words which at times pierced the heart, true, kindled the blood, powerful words, even at times painful; but their power and their pain did not, could not pin one helplessly to the earth, could not bring actual blood.

<sup>2</sup> What was it? a lifetime of misguided deportations from ancient deformed grannies, miserable old tales of blood and the tortures of the underworld (which the woman's very position in the event must give one thoughts upon), or some early misadventure, perhaps a dominant father?

satisfazer seu próprio egoísmo: ter a filha para sempre consigo, sob suas ordens.

Porém, para José, esse fato pouco importava. O que realmente interessava não era o processo desse medo, mas a resolução dele, pois esta resultaria no tão esperado ato sexual. J aceita tudo, até adiar o sexo para poder se casar, talvez pensando que, por meio de sua maturidade, de suas sábias palavras, logo a convenceria de que o sexo era algo natural, inerente aos homens.

José acaba por entender que o sexo, para ela, não poderia ser compreendido sem o amor, mas o amor poderia existir sem o sexo. O amor, como se traduz no conto, é o todo, enquanto o sexo é uma parte, contribuindo, com certeza, aos olhos de José, para a perfeição do todo, porém não indispensável. Assim pensava ele, no início, sem saber ser o sexo parte fundamental do casamento. José acreditava que, dentro de seu próprio ritmo, Maria um dia cederia aos desejos sexuais do marido.

Maria parece aceitar o casamento porque sabia ser ele necessário para a concretização de algo maior: o nascimento de seu filho, Jesus. No início José não compreendia como o desejo materno de Maria se concretizaria se ela se opunha a ter relações sexuais com ele, mas a esposa sabia muito bem o que esperava por ela e omitiu de José como se daria a concepção. Maria apresenta perante José uma atitude traidora, pois mesmo sabendo qual seria o destino dela e do marido esconde dele a verdade. José é parte de uma trama criada por Deus e por Maria e só saberá disso quando já estiver inserido nela. Uma trama da qual e não conseguirá se livrar e, sobretudo, terá ainda de aceitar e dedicar-se ao papel de pai de alguém que não é verdadeiramente seu filho, pelo menos consoante os padrões humanos.

Até ficar sabendo dos planos divinos, J acreditava que era necessário ser paciente, pois na idade dele não deveria mais se exceder. De acordo com José, Maria parecia "tão desejosa quanto ele para consumir, no tempo certo, o seu casamento" (COOVER, 2000, p. 115).

J, um dia, ao entrar no quarto, para sua surpresa, encontra Maria sem roupa, parecendo esperar por ele. Sem jeito, com medo de se aproximar – já havia sido rejeitado o suficiente – tira a roupa e a abraça e beija. E em meio às carícias de José, Maria diz não, como se fizesse com José um torturante jogo de provocações que nunca se concretizariam no ato sexual por ele esperado:

Ele prendeu a respiração, não acreditando, deu um passo vacilante na direção dela. Ela corou, lançou um olhar para o chão. Com os dedos trêmulos ele tirou a camisa, correu para ela, pressionou-a contra o peito dele, não, não foi mera aparência, ele choroso beijou as orelhas dela, o cabelo, os olhos, o pescoço e os seios. Ele estava em delírio, com medo que pudesse desmaiar. Suas mãos procuravam desesperadamente, desajeitadamente, passar por todas as suas costas macias, tocando em baixo entre – Não, ela disse. Por favor, não.<sup>3</sup> (COOVER, 2000, p. 116).

<sup>3</sup> He gasped, unbelieving, took a faltering step toward her. She blushed, cast her eyes down. With trembling fingers he tore off his shirt, ran to her, pressed her to his chest, no, she was no mere

José se ofende, segundo ele, não pela negação do sexo, mas pela maneira como ela verbaliza essa negação, maneira que ele compara com grandes blocos de pedras impedindo sua passagem. José não encontra palavras para dizer algo a esposa que, de repente, inesperadamente, e de modo descontextualizado diz estar grávida: "Eu estou esperando um bebê, ela disse"<sup>4</sup> (COOVER, 2000, p. 116).

A esposa explica ao marido que sua gravidez era um "ato de Deus" e que ele deveria aceitar o fato mesmo parecendo impossível diante da razão. Para José, Deus não era tão superior, pois se fosse não escolheria pessoas normais que se amam para gerar um filho divino, não se envolveria em relacionamentos pessoais de qualquer espécie.

Nasce o filho de Maria, num momento misto de misticismo para José e dor para a esposa. Não se diz nada a respeito da criança, apenas que desempenhou um papel importante na duração do casamento entre Maria e José, até que a morte dele os separasse. J, todavia, nunca conseguiu amar o garoto completamente por razões óbvias: ele não era seu filho e, além disso, foi a causa da ausência do sexo em seu casamento, seu concorrente. Por sua vez, o filho de Maria também agiu indiferentemente a José.

Após quatro ou cinco meses do nascimento de Jesus, J consegue, finalmente, concretizar seu casamento, depois de já ter esquecido a vontade de se relacionar sexualmente com a esposa e admitido a vida como ela era: estranha.

O casamento de J termina com sua morte em uma taverna, conversando com um estranho e bebendo vinho, como se quisesse testemunhar sua vida ordinária antes de partir. Nota-se que para José a vida não havia mais sentido, ele já estava inapto para exercer a carpintaria, doente e, de certa forma, já havia conseguido se relacionar sexualmente com a esposa.

O conto de Coover, por meio de um narrador heterodiegético, onisciente, mostra o lado humano de uma história bíblica: a de Maria e José, mais especificamente o que tange a concepção de Maria.

É grande a preocupação de Coover em problematizar o mito bíblico, verdadeiro aos olhos cristãos, chocando-o com a vida humana e profana de José e sua companheira. O autor não poupa os textos sagrados do benefício da dúvida e mostra como o texto bíblico, apesar de sagrado, é uma construção de linguagem, um discurso de autoridade com fim de manter a ordem cristã. O autor norte-americano parece chamar atenção para o fato de que antes de ser um escolhido por Deus, José é um ser humano comum, pecador, que sente medo e tem desejos sexuais como qualquer ser humano normal. Assim também ocorre com Maria ao conter seus desejos mais por culpa ou obrigação a Deus do que por vontade. Fica claro, no conto,

---

apparition, he tearfully kissed her ears, her hair, her eyes, her neck, her breasts. He was delirious, feared he might faint. His hands searched desperately, clumsily, swept over her smooth back, burrowed down between — Don't, she said. Please don't.

<sup>4</sup> I am expecting a baby she said.

o desejo de Maria por José, ou pelo menos pelo jogo da sedução, já que por tantas vezes ela o provoca sexualmente, e, depois, desiste de ter relações sexuais com o marido.

Também fica evidente o desejo de Coover em mostrar que as relações pessoais são bastante complicadas e estão enraizadas no passado repressor dos familiares, principalmente por meio da figura paterna, quando se trata das filhas.

Não se pode deixar de notar que Coover se apropria do texto bíblico e tira seu caráter mítico, pondo em questão sua validade enquanto verdade única e, assim, mostrando a necessidade de o leitor ficar mais atento ao que as instituições, por meio dos textos da Bíblia, transmitem há anos. Coover instiga os leitores a repensarem os valores arcaicos assegurados pelas instituições religiosas, como a possibilidade de José, Maria e Jesus não serem exatamente como o texto bíblico os revela, já que todos os textos, inclusive o bíblico, são passíveis de dúvida porque são subjetivos, passam pelas escolhas pessoais de quem os escreveu. Por isso, Coover adverte que se deve problematizá-los, perturbá-los ao menos. Não seria possível um José e uma Maria casados, felizes, realizados sexualmente e ainda capazes de gerar um ser tão bondoso que pudesse vir ao mundo como salvador? Se José era digno de cuidar dessa criança, criá-la, por que não poderia ser pai biológico de Jesus? Aos olhos da igreja, a concretização do sexo entre Maria e José como forma de gerar um filho sagrado não seria possível, porque diminuiria o poder de Deus como ser supremo e gerador de uma linhagem sagrada, além de ferir a sentença sagrada de que o homem foi feito à imagem e semelhança de Deus. Dessa maneira, o filho de dois humanos, pecadores, geraria filhos semelhantes e não iguais a Deus, portanto pecadores. A religião Cristã só se preserva porque se admite que somente Deus, portanto somente o sagrado, é capaz de determinar o destino das pessoas e gerar seres perfeitos a ponto de conduzir a humanidade ao bem e fazer com que siga seus passos. Tem-se, nesse caso, um discurso de dominação. Se o texto bíblico não continuar sendo supremo na orientação dos Cristãos, o discurso dominador se extingue e perde o poder, tornando-se um texto profano, um conjunto de contos, histórias que são lidas por qualquer pessoa, de qualquer crença, ficcionalmente.

Coover se apropria do texto bíblico, mais precisamente da história de José e Maria e do nascimento de Jesus, para mostrar o lado humano do casal. Na história bíblica, José é um carpinteiro, assim como no conto de Coover. É bem mais velho do que Maria tanto na Bíblia, quanto em "J's marriage". Essas semelhanças são colocadas por Coover em seu conto para estabelecer pontos de contato entre as histórias que possam fazer o leitor reconhecer a presença do texto bíblico no texto profano do autor. O fato de José ser um homem mais velho também contribui para a aceitação dele, pela maturidade, em estabelecer uma vida de casado sem sexo, mesmo desejando Maria sexualmente.

José não é nomeado no conto do autor norte-americano, sendo tratado como J, mostrando que além de ser o José da Bíblia, com um destino traçado, pode representar qualquer homem em situação semelhante à dele: traído por uma trama "diabólica" sem ter consciência disso, vivendo um casamento de aparências em que falta o sexo, anulando-se em benefício de uma convenção social denominada

matrimônio, humilhado pela mulher que o seduz e não vai além da mera sedução porque é castrado por valores impostos pela religião ou pela sociedade. Maria também não é nomeada no conto. O leitor só percebe que se trata de Maria – a personagem bíblica – porque há outros elementos na história (as características de José, o nascimento sagrado, a gravidez sem sexo) evidenciando se tratar de Maria, mãe de Jesus Cristo. Parece que o objetivo de Coover é mostrar como nas relações as mulheres são submissas e vivem em um mundo paternalista. Maria não é submissa a José, mas sim a Deus, o pai supremo. Ela o obedece e aceita a vida que lhe é destinada. Deus faz o papel, no conto, de um pai dominador – até mesmo pelo fato de ser sagrado, onipotente – não deixando sua filha se entregar aos prazeres do sexo, para preservar os dogmas cristãos. Maria é a filha submissa, não questiona o fato de ser ela e não outra a escolhida, não questiona por que justamente ela deveria cumprir tal papel, não questiona como Deus a escolheu e como poderia uma mulher conceber um filho sem sexo, não questiona o motivo de ter que viver sem sexo. Maria apenas aceita sua condição, resignadamente, como se aquilo que está ocorrendo com ela acontecesse com frequência, fosse uma atitude comum entre os seres humanos profanos. José, no entanto, revolta-se contra Deus e percebe o quanto é usado por ele e por Maria (mesmo que de modo inconsciente). Não acredita na supremacia divina, porque para José um ser divino não poderia estar preocupado com relacionamentos humanos a ponto de se intrometer neles, tirando a felicidade e o prazer de um casal. No texto de Coover, José não aceita pacificamente o destino que lhe cabe como no texto bíblico. Ele acaba ficando com Maria e vivendo uma miserável vida sexual talvez dominado por convenções sociais que ditam a eterna felicidade e realização dos casamentos por meio da célebre frase até que a morte os separe, na saúde ou na doença, na tristeza ou na alegria. José parece ter consciência do papel dos discursos burgueses e cristãos de verdades a serem aceitas, porém apesar de questionar e internamente não aceitá-los não é capaz de se libertar da dominação por eles exercida, perpetuando-os até o fim de sua infeliz vida, num final irônico em uma taverna, contando sua vida a um estranho, que parece estar cansado de ouvi-la. Seu último pensamento está relacionado com Maria. Ele se lembra do dia de seu casamento, sem sexo, do momento em que a esposa dorme sem se importar com José, mostrando que o relacionamento entre eles era falido desde o início.

Coover nos mostra, como se pode perceber pelo que foi acima exposto, o poder das forças que regulam a vida coletiva, conforme dizia Ansart (1978), no caso a vida dos cristãos, que devem concordar com os dogmas religiosos da Bíblia sem questioná-los. O poder do discurso de autoridade é tão grande, como apresenta Coover, que chega a impedir mesmo aqueles que o percebem – como José – de se desvencilhar de suas amarras.

Patai (1972), assim como Ansart, também aborda pertinentemente o valor do mito como instrumento operador e validador de leis e crenças que se acreditam verdadeiras. O mito está, portanto, ligado à vida social das pessoas, modelando-a, ditando padrões, mesmo na contemporaneidade. A religião, aliás, é para o mundo contemporâneo uma forma de apoio para as pessoas tão angustiadas em meio ao excesso de informação de um mundo tecnológico. Não é por acaso que a cada dia surgem novas crenças e igrejas tentando de alguma maneira agregar seguidores,

aproveitando-se de suas fragilidades, da violência do mundo, das informações excessivas, sem garantir credibilidade. Vive-se em um mundo onde tudo é permitido conhecer, porém em pouco se pode confiar, porque não há tempo para se digerir uma informação, logo chegam outras mais recentes e atraentes.

De acordo com Patai (1972), as razões que levam as pessoas a serem influenciadas pelo mito são três: a crença, a repetição da verdade do mito como forma de causar impacto às pessoas e a sensação de satisfação. O mito bíblico cumpre os três pressupostos comentados por Patai. As pessoas tomam conhecimento do texto bíblico, crêem nele, são por eles influenciadas pela repetição desses mitos como verdade (papel desempenhado pela igreja através das missas, da catequese e hoje até mesmo pelos programas de televisão) e sentem-se apaziguadas, confortadas pelo seu papel aparentemente ingênuo de trazer a verdade e a paz. Porém, como bem mostra Coover em seus contos, essas pessoas não notam o que está por trás do discurso mítico ou notam mas não os negam porque a força exercida por eles e pela sociedade que os perpetua é maior do que o poder de seus questionamentos.

O conto artístico, portanto profano, de Coover age de modo a desestruturar o pensamento cartesiano dos leitores, fazendo-os desconfiar dessa rede (crença-repetição-satisfação) que os envolve, descortinando novas possibilidades de ler o discurso religioso. O autor norte-americano critica o fato de se usar a noção de verdade religiosa para manter relacionamentos de poder entre os membros de uma sociedade. No caso de Maria, para perpetuar a dominação dos homens sobre as mulheres.

Kennedy (1989), ao analisar o conto "J's Marriage", de Coover, relata que, apesar de o escritor abordar as consequências de um ato de Deus, a caracterização dele é mais complexa e literária.

Pode-se pensar que José foi ferido e abusado por um ato vulgar de Deus, mas, para Kennedy (1989, p. 43), essa é apenas uma parte da história, a mais superficial dessa história complexa e bela. De acordo com o crítico, o destino de J (Joseph) resulta de sua própria natureza, das escolhas que fez para negar seus prazeres. Por várias vezes, durante o conto, J rejeita os momentos de iluminação espiritual. Há um elemento trágico em seu fim, apesar de ele não reconhecê-lo: J foi engendrado por seu orgulho em sua própria consciência, que o levou a não se permitir entregar ao espírito ou a paixões maiores do que seu desejo por uma mulher virgem.

Sob a ótica de Kennedy (1989, p.43), J

é essencialmente um homem de palavras e de dúvida. Ele duvida que ela entenda as coisas mais belas coisas que ele disse a ela além da emoção por trás delas. Nos primeiros meses de seu casamento original, J está mais feliz do que jamais esteve e esta felicidade alcança o ponto de revelação da beleza do mundo. Mas mesmo quando esta beleza é revelada a ele, de

imediatamente, seu intelecto intervém.<sup>5</sup> (KENNEDY, 1989, p.43).

O momento mais místico de J ocorre quando seu filho nasce e ele assiste a tudo sem piscar. Até mesmo nesse momento, J renuncia ao prazer. Depois dessa renúncia, a vida de J vai se arruinando cada vez mais e não há outra saída para José, a não ser a morte.

Ele prefere uma vida de indiferença, e, acima de tudo, ele não quer ser incomodado: "Nada lhe resta, além de apatia e indiferença - a indiferença ao seu filho, até a consumação deste casamento"<sup>6</sup> (KENNEDY, 1989, p. 43).

De acordo com Kennedy (1989, p. 44), J parece ser superior a Deus, pois apesar de J achá-lo vulgar por se misturar aos prazeres humanos atrapalhando a vida de um homem, ele tem grande fé em sua inteligência, uma fé muito maior do que em Deus, ser superior de quem ele não desacredita, mas não considera como supremo. A tragédia de J não ocorre por indiferença de Deus, mas em função de sua própria indiferença aos seus desejos e prazeres. J é um homem fechado em si mesmo e intelectualizado demais para se conceder momentos de maior iluminação do que aqueles proporcionados pela sua própria mente.

De modo perspicaz, Kennedy (1989) afirma a relevância do conto de Coover, dizendo que a inovação ocorre em "J's Marriage" pela maneira com que o escritor norte-americano recupera e ressignifica materiais esparsos de uma história gospel, que é questionada e transformada em uma tragédia intelectual.

Em *Totem e Tabu*, Freud (1978) centraliza seus estudos psicanalíticos no relacionamento pai/filho, para explicar o totemismo. Há, segundo o psicanalista, um despotismo patriarcal instaurado, o pai tem direitos históricos. Esse despotismo, representado pela figura paterna, passa a gerar ódio, culminando na rebelião dos filhos e no assassinato e devoração coletiva do pai. Estabelece-se um clã dos irmãos, que passam a deificar o pai assassinado e, assim, surge o tabu, para gerar a moralidade social. De acordo com Freud, a rebelião dos irmãos seria uma revolta contra o tabu, decretado pelo pai, em relação à proibição do contato com as mulheres da horda. O sentimento de culpa dos irmãos pelo assassinato do pai provoca a separação da situação inicial de dominação do pai, para o início de uma nova civilização: a dos irmãos. O sentimento de culpa introjeta nos indivíduos as proibições e restrições necessárias para a sustentação da civilização. De acordo com Freud (1978, p.101): "Os animais totêmicos tornam-se os animais sagrados dos deuses, e as mais antigas, mais fundamentais restrições morais — as proibições contra o assassinato e o incesto — originam-se no totemismo".

A história do homem é, para Freud (1978), a história de sua repressão. O pai

---

<sup>5</sup> is essentially a man of words and doubt. He doubts that she understands the most beautiful things he said to her beyond the emotion behind them. In the first months of their original marriage, J is happier than he has ever been and this happiness reaches the point of revelation of the beauty of the world. But even as this beauty is revealed to him, instantly his intellect intervenes.

<sup>6</sup> Nothing remains for him but dullness and indifference - indifference to his son, even to the consummation of this marriage.

funciona como arquétipo da dominação.

Para Freud (1978), o mito representa a experiência das pessoas nas suas próprias vidas e, acima de tudo, em seus relacionamentos com os pais. Para o psicanalista, o mito simboliza uma realidade etno-histórica e psicológica e é uma fantasia da raça. Freud mostra a significação do mito principalmente por meio do mito de Édipo. Segundo ele, esse mito mostra uma experiência traumática pela qual as pessoas passam, gerando dois tabus: o do assassinato do pai e o do casamento com a mãe. Segundo Freud, as pessoas têm desejos reprimidos de cometer esses dois crimes.

Pensando nas observações de Freud sobre a relação pai/filho, nota-se que, no conto de Coover, o despotismo patriarcal discutido por Freud está presente. O pai, no caso Deus, é repressor, funcionando como um arquétipo de dominação sobre seus filhos (toda a raça humana), principalmente em relação aos escolhidos por ele (José, Maria e Jesus). Além disso, talvez Maria também tenha tido um pai repressor, fato que dificultou ainda mais sua libertação das amarras de uma tradição religiosa.

Jung (2003) atribui a formação de mitos a um processo psicológico, que existe tanto no homem primitivo, quanto no antigo e no moderno. Os mitos seriam, segundo ele, “elementos estruturais da psique”, ou melhor, da “psique não consciente”, ou “inconsciente”, por isso estariam presentes em todas as épocas.

De acordo com Jung (2003), há na mente humana arquétipos compartilhados, ou seja, imagens coletivas inconscientes que estão em todas as pessoas. Através dos sonhos, o ser humano lida com os arquétipos, incorporando os elementos do inconsciente coletivo. Como bem afirma Jung (apud PATAI, 1972, p. 30), os arquétipos

[...] aparecem em mitos e lendas, assim como em sonhos e nos produtos da fantasia psicótica [...]. No caso do indivíduo os arquétipos aparecem como manifestações involuntárias de processos inconscientes, cuja existência e significado só podem ser revelados indiretamente; ao passo que nos mitos se apresentam formulações tradicionais de antiguidade quase sempre inestimável. Remontam a um mundo pré-histórico primitivo com pressuposições mentais e condições como as que ainda podemos observar entre os povos primitivos de hoje. Nesse nível, em regra geral, os mitos são conhecimentos tribais transmitidos, através de reiteradas narrações, de uma geração a outra.

Jung, apesar de ter trabalhado com Freud, seguiu caminhos diferentes por discordar da importância central dada por Freud aos impulsos sexuais e às motivações de auto-preservação. Jung acreditava na existência de um inconsciente individual — nisso assemelhava-se a Freud — e de um inconsciente coletivo que, junto com suas manifestações — os arquétipos —, subjaz ao primeiro. Para chegar a esta conclusão, Jung observou os sonhos de pacientes e descobriu que muitos desses

sonhos apresentavam relações com mitos e símbolos de diferentes tradições religiosas.

Para Jung (1964, p. 55), em *O homem e seus símbolos*, alguns símbolos não são individuais e sim coletivos,

[...] sobretudo as imagens religiosas: o crente lhes atribui origem divina e as considera revelações feitas ao homem. O cético garante que foram inventadas. Ambos estão errados. É verdade, como diz o cético, que símbolos e conceitos religiosos foram, durante séculos, objeto de uma elaboração cuidadosa e consciente. É também certo, como julga o crente, que a sua origem está tão soterrada nos mistérios do passado que parece não ter qualquer procedência humana. Mas são, efetivamente "repressões coletivas" que procedem de sonhos primitivos e de fecundas fantasias.

Jung (1964, p. 67) propõe, com essas palavras, o que chamará de arquétipos, denominado por Freud de resíduos arcaicos. Muitos estudiosos, adverte Jung, equivocaram-se ao tentar explicar o sentido da palavra arquétipo, acreditando que este expressa imagens ou motivos mitológicos definidos. Porém, de acordo com o psicanalista, os arquétipos "nada mais são do que representações conscientes: seria absurdo supor que representações tão variadas pudessem ser transmitidas hereditariamente".

O arquétipo seria, então, uma tendência para formar as mesmas representações de algo, sem perder a configuração original. As representações, de acordo com Jung (1964, p. 69), podem ter inúmeras variações de detalhes. O arquétipo é "uma tendência instintiva, tão marcada quanto o impulso das aves para fazer seu ninho ou das formigas para se organizar em colônias".

Entende-se como instinto o impulso fisiológico percebido pelas pessoas, que pode se manifestar como fantasias e revelar a sua presença por meio de imagens simbólicas. São estas manifestações que Jung chama de arquétipos.

Os arquétipos, então, são modelos que de alguma forma, por meio das crenças e culturas de uma pessoa, fazem-nas perceber padrões.

Em "J's marriage" tem-se o arquétipo do pai dominador, Deus, conforme já se discutiu, e também de um possível pai de Maria, e de uma avó também dominadores. Faz-se presente, ainda, o arquétipo do cristão temente a Deus, resignado como Maria. O arquétipo do ser questionador, porém obediente, é mostrado na figura de José. A mãe de Jesus, no entanto, no conto de Coover, é apresentada também como uma pessoa má, pois sabe o quanto está usando José em seu plano tramado com Deus. José é um objeto nas mãos de Maria que cumpre seu papel cristão (dar a luz a Jesus) e depois o seduz, mostrando que os prazeres do sexo rondavam seus pensamentos. Isso mostra que Maria tinha sua porção divina, mas não deixava de ter seu lado humano, pecador. Um dos maiores questionamentos

propostos no conto se dá na figura de Deus que, em nome de um amor maior, sacrifica o casamento de Maria e José, reforçando os preceitos cristãos de que o amor é renúncia, é doação. Coover mostra em seu conto uma Maria bem diferente da bíblica, uma Maria humana, com sentimentos e desejos, que ao mesmo tempo em que obedece só faz isso para cumprir um papel religioso e, quando tem oportunidade, age como qualquer ser humano agiria: entregando-se aos prazeres da carne, portanto profanos. O jogo de sedução de Maria fica claro no conto de Coover. Maria é santa, mas é pecadora, assim como Deus é sagrado, mas também egoísta: seus valores são superiores aos sentimentos humanos e todos devem obedecê-lo. A história da religião cristã é uma história de egoísmo, pois Deus nunca perguntou à humanidade se o que preparou a ela vem ao encontro de seus desejos. O que se tem é uma visão unilateral de um ser onipotente que perpetua seus desejos na figura de seu filho Jesus.

Na história bíblica, José é temente a Deus; no conto de Coover, ele acredita na imagem divina, porém a fé em seu intelecto é maior do que a fé na divindade. José enxerga-se superior a Deus

[...] por toda a sua fé nos poderes de seu próprio intelecto, ele nunca consegue se tornar consciente de sua própria falta de vontade em receber a iluminação que lhe chega ou em admitir a existência de uma beleza em sua existência maior do que o âmbito de aplicação seu intelecto, mesmo quando se torna evidente ao seu coração.<sup>7</sup> (KENNEDY, 1992, p. 43).

José, muitas vezes, parece intelectualmente superior a Deus, porque consegue apenas lidar com aquilo que é seu dever, que pertence a seu mundo: o casamento, a profissão. Deus deixa de ser superior quando vulgariza seus poderes se envolvendo em problemas familiares humanos, ao invés de usar seu poder para gerar sozinho alguém para disseminar os valores cristãos e salvar a humanidade. Se Deus fosse tão superior, não necessitaria dos homens para gerar Jesus Cristo.

Coover não parece querer, pelo menos de início, atacar o cristianismo ao dessacralizar os mitos bíblicos. Embora o autor ataque um sistema religioso organizado, ele age de tal forma para que o leitor não os veja "through very specific lenses", conforme afirma Evenson (2003, p. 69).

O crítico citado (2003, p. 68) chama atenção para o modo como se vê o mito e como Coover o percebe, dizendo que

Para transformar um evento ou uma história em um mito eficaz, algo em que a doutrina possa ser baseada, muito tem que ser

<sup>7</sup> [...] for all his faith in the powers of his own intellect, he never manages to become aware of his own consistent unwillingness to receive the enlightenment that come his way or to admit to the existence of a beauty in existence greater than the scope of his intellect, even when it is made evident to his heart .

anulado. Todos os aspectos do evento ou da história que não se encaixam perfeitamente no mito, que não parecem propriamente significativos, são descartados em favor da fé - declaração ou mito - que afirma os aspectos. Coover reconhece justamente que esses elementos abandonados são muitas vezes os momentos mais humanos do evento. O que as versões oficiais e os mitos sancionados deixam de fora é o sentido do valor da experiência humana<sup>8</sup>

O escritor norte-americano opera em "J's Marriage" com aquilo que é deixado de lado nas histórias míticas: a experiência humana. É por meio dessa omissão do lado humano que a dessacralização do mito ocorre, mostrando que o profano e o sagrado caminham lado a lado e que a passagem de um para o outro é tênue. Assim também ocorre com a passagem do real para a ficção. O mito bíblico é desconstituído de sua forma original, sagrada, para se tornar ficção e ser visto como um texto que também pode ser considerado fictício em sua originalidade, na Bíblia, já que o real, como bem mostram os autores pós-modernos, entre eles Coover, não passa de uma construção de linguagem a serviço do poder, no caso o poder da doutrina cristã.

Robert Coover acredita que o papel do escritor contemporâneo é quebrar os mitos e criar condições para o nascimento de novos mitos, de novas formas de pensar a vida. De acordo com Evenson (2003, p. 13), o escritor afirma que

[...] é o papel do autor, do ficcionista, do mitologizador, para ser a centelha criativa nesse processo de renovação: ele é quem rasga a velha história, fala o indizível, faz o chão tremer, depois embaralha os eventos de volta para buscá-los em uma nova história. Em parte por anarquia, em parte por inventividade - ou re-inventividade.<sup>9</sup>

Um mito, quando não é eficaz, torna-se apenas ficção, como se pode notar na narrativa de Coover. Se a Bíblia não tem mais autoridade, se há dúvidas em relação às escrituras sagradas, elas não são mais um mito, mas uma ficção como no conto "J's marriage". Evenson (2003, p. 14) reforça os dizeres acima, afirmando que os mitos deixam de sê-los quando

---

<sup>8</sup> To make an event or a story into an effective myth, something that doctrine can be based on, much has to be set aside. All the aspects of the event or story that do not fit neatly into the myth, that don't seem properly significant, are discarded in favor of faith - affirming or myth - affirming aspects. Coover rightly recognizes that those abandoned elements are often the most human moments of the event. What official versions and sanctioned myths leave out is the sense of the value of human experience.

<sup>9</sup> [...] is the role of the author, the fiction maker, the mythologizer, to be the creative spark in this process of renewal: he's the one who tears apart the old story, speaks the unspeakable, makes the ground shake, then shuffles the bits back to get her into a new story. Part by anarchical, in other others, partly creative - or re-creative.

[...] o peso e a autoridade que reúnem em si, a capacidade de servirem como um ponto de ancoragem para uma vida ou uma sociedade estão perdidos. Enquanto os mitos afirmam e ancoram uma ordem estabelecida, as ficções em sua melhor forma podem levar a ordem ao desmembramento, mostrando os buracos nelas existentes e fornecendo novos caminhos para construí-las.<sup>10</sup>

Os mitos são sancionados e, por isso, não devem ser questionados. Quando o são, sua autoridade se dissolve. A ficção é, assim, a forma humanizada do mito que foi desmitologizado. Ela ajuda as pessoas a questionarem suas vidas e a perceberem em que enquanto continuarem colocando fé nos mitos sem polemizá-los, a ordem social, política ou religiosa (dependendo do mito) sempre será a mesma.

## Referências

ANSART, P. *Ideologias, conflitos e poder*. Tradução de Áurea Weissemberg. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

COOVER, R. *Pricksongs and descants*. New York: Grove Press, 2000.

EVENSON, B. *Understanding Robert Coover*. Columbia: University of South Carolina Press, 2003.

FREUD, S. *Totem e tabu*. Tradução de Órizon Carneiro Muniz. Rio de Janeiro: Imago, 1978.

JUNG, C.G. *O homem e seus símbolos*. Tradução de Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

KENNEDY, T.E. *Robert Coover: a study of the sort fiction*. New York: Twayne, 1992.

PATAI, R. *O mito e o homem moderno*. Tradução de Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1972.

*Recebido em 23 de maio de 2011.*

*Aceito em 22 de junho de 2012.*

### FERNANDA AQUINO SYLVESTRE

Doutora em estudos literários pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP – Araraquara), professora adjunta I da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: fernandasyl@uol.com.br.

<sup>10</sup> [...] the weight and authority that gathers in them, their ability to serve as an anchor point for a life or a society is lost. While myths affirm and support an established order, fictions at their best can take that order apart, show the holes in it and provide new ground upon which to build.